

Apresentação

Educação e movimentos sociais

Marcos Francisco Martins *
Organizador

Este número da **Crítica Educativa**, relativo ao primeiro semestre de 2016, ao trazer o *Dossiê: Educação e Movimentos Sociais*, atende a uma demanda de pesquisadores e pesquisadoras que neste momento estão sendo desafiados(as) a refletir sobre essa temática muito candente na conjuntura política e social no Brasil. No presente momento de crise econômica e política agudizada, reflexos dos mais variados têm sido sentidos na educação e enfrentados nas lutas de movimentos sociais de diferentes perfis.

Se a educação, de um lado, é fenômeno consolidado como objeto no campo da pesquisa, não o é, na mesma medida, os movimentos sociais. Ou melhor, a pesquisa sobre o fenômeno educativo está consolidada na modalidade em que se manifesta no ambiente escolar, mas os processos de formação humana, que são inerentes às práxis desenvolvidas pelos movimentos sociais, não se consolidaram ainda no campo da pesquisa em educação no Brasil. Isso é algo a ser conquistado.

Admitir essa assertiva não implica afirmar que pesquisas sobre os movimentos não têm sido feitas ou que são incipientes apenas. É fato que elas ocorrem em outras áreas e mesmo na de educação, por exemplo, pelos(as) pesquisadores(as) vinculados(as) diretamente ao *GT (Grupo de Trabalho) 03 - Movimentos sociais, sujeitos e processos educativos* da ANPED (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação), bem como em outros GT's dessa associação científica, que direta e indiretamente tratam dessa questão. O que se está a afirmar é que as investigações empreendidas sobre a relação entre educação e movimentos sociais não têm ainda a mesma legitimidade científica do que as demais que lidam com o fenômeno educativo escolar. Sinal disso é a dificuldade que, muitas vezes, pesquisadores(as) que tomam como objeto a relação entre educação e movimentos sociais, como também as modalidades educativas de processos de ensino-aprendizagem que se desdobram fora do ambiente escolar¹, têm para angariar financiamentos e

* Organizador deste *Dossiê: Educação e Movimentos Sociais*, é graduado em Filosofia, com mestrado e doutorado em Educação. Coordena o Programa de Mestrado em Educação da UFSCar Campus Sorocaba, é líder do GPTeFE - Grupo de Pesquisa Teorias e Fundamentos da Educação -, editora da *Crítica Educativa* e é bolsista PQ-CNPq. E-mail: marcosfranciscomartins@gmail.com

¹ São várias as terminologias empregadas para dar conta de identificar processos educativos que ocorrem fora do ambiente escolar e algumas delas são os seguintes: “educação não formal”, “educação social”, “educação popular”, “educação não intencional”, “educação informal” e “educação não escolar”. Uma discussão sobre essa questão terminológica pode ser encontrada em Martins (2016).

publicar os trabalhos em periódicos consolidados na comunidade científica da área.

Todavia, se por educação se compreender a “[...] produção no indivíduo singular da humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens” (SAVIANI, 1992, p. 21), ela é um processo que ocorre em todos os ambientes sociais. Muito embora a escola tenha sido o mais desenvolvido espaço e tempo que a humanidade criou para desenvolver processos de ensino-aprendizagem, a educação não se limita a ela. No caso dos movimentos sociais, a educação se apresenta como inerente às práxis que eles desenvolvem, alguns, inclusive, articulam-se em torno da questão educativa e muitos deles têm, cada vez mais, tomado a educação como instrumento de intervenção social, e o fazem por meio de cursos, palestras, oficinas, seminários e outras atividades com finalidades propriamente formativas. Dessa maneira, perscrutar esse cenário que envolve a relação entre a educação e movimentos sociais é muito producente, pois pode colaborar para o avanço do conhecimento na área da educação.

Além disso, há que se considerar que o tema dos movimentos sociais ganhou relevo no último quinquênio, pois ganharam um protagonismo na conjuntura nacional, o que desafia pesquisadores e pesquisadoras a entendê-los, a explicá-los, o que já é feito em outros campos científicos, mas nem sempre observando-os sob o prisma da produção de processos de formação humana. A partir das Jornadas de Junho de 2013 (cf. MARTINS, 2013), os movimentos sociais entraram definitivamente na agenda da comunidade científica da área das ciências humanas, sociais e sociais aplicadas, envolvendo filósofos e cientistas nessa empreitada. De maneira que a **Crítica Educativa**, ao assumir a tarefa de produzir um Dossiê sobre esse tema, colabora com a área e com os pesquisadores e pesquisadoras que eram vinculados ou que estão se vinculando a este tema.

Acreditando estar razoavelmente justificada a iniciativa de produção do Dossiê, deve mencionar que a publicação dele não foi algo tão simples. Um dos problemas enfrentados foi o de que são poucos os(as) pesquisadores(as) que lidam com essa questão e normalmente são muito demandados. Alguns(mas), inclusive, declinaram de convites feitos. Todavia, os artigos dos pesquisadores(as) que aceitaram participar do Dossiê e os textos que chegaram pelo fluxo da chamada do periódico caracterizam-se pela qualidade científica e atualidade temática. Assim, encontram-se publicados oito artigos neste Dossiê, que são originários de instituições que abrangem as regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste brasileiro.

Deve-se mencionar nesta apresentação do Dossiê que dois eventos, por se tratarem de fatos de alta significância política e educativa que alcançaram no cenário atual, foram abordados de forma direta e indireta pelos textos apresentados, quais sejam as chamadas "Jornadas de Junho de 2013" e o movimento de ocupação de escolas pelos estudantes secundaristas, que teve início em São Paulo, mas que hoje espalhou-se pelo Brasil. Isso se reveste de

importância científica porque, por serem fenômenos atuais, ainda foram pouco explorados pela pesquisa acadêmico-científica.

O primeiro texto é de uma das mais conceituadas pesquisadoras em educação e movimentos sociais no Brasil: Maria da Glória Gohn. Com o texto intitulado *Movimentos pela educação no Brasil*, Gohn faz uma breve reconstituição das lutas pela educação no Brasil, destacando a relevante participação estudantil nelas.

O artigo intitulado *A proposta de reorganização escolar do governo paulista e o movimento estudantil secundarista*, de pesquisadores da Faculdade de Educação da Unicamp (Universidade Estadual de Campinas) - Evaldo Piolli, Luciano Pereira e Andressa de Sousa Rodrigues Mesko -, enfrenta o desafio de analisar o movimento de ocupação de escolas, em resistência à famigerada "reorganização" que o governo Alckmin pretendeu impor à rede de ensino básico do Estado de São Paulo. Nele é apresentada uma pesquisa, com grupo focal, junto a estudantes que participaram do movimento das ocupações.

O artigo subsequente também trata do movimento de juventude. Intitulado de *Juventude e política segundo as organizações juvenis: experiências de ensino e de formação política em uma universidade do interior de Minas Gerais*, foi produzido por pesquisadores(as) vinculados à Unifal (Universidade Federal de Alfenas): Adilene Moreira Dionizi, Anna Cinthia Tobias Pereira, Enzo Michel Goussain e Lívia Furtado Borges, tendo à frente um dos especialistas nesse debate sobre juventude e educação, com produção consolidada no tema, que é Luís Antonio Groppo. O texto apresenta os resultados de uma experiência no âmbito de ensino e da pesquisa desenvolvida em Minas Gerais, e destaca as concepções de juventude e política presentes em coletivos estudantis de caráter político.

O quarto artigo trata da temática da ocupações e da juventude dá espaço para o debate sobre a educação no campo, uma seara em que a luta de resistência tem se tornado cada vez mais desafiadora, dado o conservadorismo hoje presente como uma onda a envolver tudo e todos neste cenário de crise atualmente vivido. No texto *Neoconservadorismo, movimentos sociais e educação no campo no Brasil*, Luiz Bezerra Neto, da UFSCar Campus São Carlos, e Flávio Reis dos Santos, da UEG, enfrentam o debate sobre a educação no campo e indicam as reivindicações dos movimentos sociais que nele atuam e as consequências da coalizão neoconservadora para a educação dos sujeitos que habitam o meio rural.

A temática do movimento negro é abordada no artigo *Movimentos sociais e educação: intervenções político-pedagógicas de movimentos negros em Sorocaba*, de Mariana Martha Cerqueira Silva. O texto reconta o percurso histórico da população negra de Sorocaba desde o século XVI, procura mapear a presença atual de coletividades negras na cidade e apresenta os resultados de entrevistas semiestruturadas com os(as) militantes dos movimentos que atuam no campo da educação, com vistas a transformar as relações étnico-raciais.

O artigo, cujo título é *Como uma onda no mar: o jogo de forças entre regulação e emancipação no processo de construção do Plano Municipal de Educação em Sorocaba - São Paulo*, foi produzido por docentes e discentes do Mestrado em Educação da UFSCar Sorocaba (Dulcinéia de Fátima Ferreira, Maria Carla Corrochano, Debora Bergamini, Flávia Ginzler e Caio Rennó José) e por Ana Paula Souza Brito, da Rede Municipal de Educação de Sorocaba. Eles(as) acompanharam e protagonizaram as disputas em torno do Plano Municipal de Educação de Sorocaba. No texto, referenciado em Freire, os(as) autores(as) discutem o processo de elaboração do Plano, marcado pelo autoritarismo e pela falta de diálogo, mas que contou com forças contra-hegemônicas que foram capazes de resistir e de criar novas formas de participação, como o Fórum Popular de Educação.

Por fim, em *Educação e movimentos sociais na região de Sorocaba/SP: incipiente mapeamento*, Marcos Francisco Martins e Debora Bergamini apresentam os resultados de uma pesquisa realizada com trinta e nove movimentos sociais da região de Sorocaba, com o objetivo de identificá-los e conhecer a práxis educativa que desenvolvem, isto é, mapeá-los sob esses pontos de vista. Dessa forma constituído, o Dossiê pode interessar a pesquisadores que tomam a educação e os movimentos sociais como objeto de pesquisa, mas também a profissionais da educação e a militantes dos movimentos sociais, que poderão se reconhecer e conhecer a relação entre educação e movimentos sociais, que é apresentada aqui sob diferentes prismas.

O volume 2, número 1, ainda contempla artigos de demanda contínua e duas entrevistas. A primeira entrevista, realizada com Luiz Carlos de Freitas, professor da Faculdade de Educação da Unicamp e coordenador do Laboratório de Observação e Estudos Descritivos (LOED), visou conhecer a concepção sobre a organização do trabalho pedagógico, orientada pelo materialismo histórico-dialético, a qual milita o docente. A segunda entrevista foi realizada com estudantes secundaristas que protagonizaram o processo de ocupação de escolas na região de Sorocaba/SP. O texto foi produzido pelo organizador do presente Dossiê e por estudantes do curso de Pedagogia (Fábio Alexandre Tardelli Filho e Érico Vinicius Fonseca dos Santos) e de Geografia (Keyla Priscilla Rosado Pereira) da UFSCar Sorocaba, que apoiaram as ocupações na região. Chamado de *As ocupações das escolas estaduais da região de Sorocaba/SP: falam os secundaristas*, nele encontra-se a apresentação das falas dos secundaristas na íntegra, sendo antecedidas de um histórico do processo de ocupação, desde a origem do movimento até as decorrências posteriores, envolvendo, inclusive, as resistências de a burocracia escolar bem acolher os(as) estudantes que participaram das manifestações no retorno à rotina da escola.

Convidamos a todos para a problematização dos referidos textos e pesquisas na busca de ampliar os debates que buscam delinear melhores dias e escopos da gestão democrática da escola pública, dos movimentos sociais e das mobilizações populares.

Referências

MARTINS, Marcos Francisco. La educación política a través de los movimientos sociales: notas sobre las protestas ocurridas en 2013 en Brasil. *Revista Pasos*. San José-Costa Rica, nº 161, out-dez.2013, p. 34 a 54. Disponível em: <<http://www.deicr.org/pasos-no-161>>. Acessado em 01/04/2016.

_____. Educação não escolar: discussão terminológica e mapeamento dos fundamentos das tendências. *Revista Contrapontos - Eletrônica*, v. 16, n. 1, Itajaí, jan./abr. 2016, p. 40 a 61 Disponível em: <<http://siaiap32.univali.br/seer/index.php/rc/article/view/7609/pdf>>. Acesso em: 23/05/2016.

SAVIANI, Dermeval. *Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações*. 3. ed. São Paulo: Cortez; Autores Associados, 1992. (Col. Polêmicas do nosso tempo, v. 40).

Agosto
Inverno de 2016.